

DIÁRIO DE CAMPO E RELATÓRIO FINAL

CARTOGRAFIA SOCIAL DO BUTANTÃ (SUS, SUAS Educação, Justiça e Movimento Social)

Prof. Luís Galeão, Profa. Belinda Mandelbaum e Profa. Vera Paiva

Estagiários PAE: Valéria Silva, Jan Billand, Henrique A. Aragusuku e Yuri Marcondes
Lisbão

SOBRE A EXPERIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO

1. Diante da Pandemia de Covid-19 este trabalho, que significa horas de estágio, segue as seguintes premissas:

1.1 Este trabalho será realizado dentro de condições determinadas pelo Comitê Permanente USP Covid-19.

1.2 Ninguém deve se expor a situações de risco de *infecção* para realizá-lo

2. Objetivos

A consigna deste trabalho é a seguinte:

Observar o cotidiano de atendimento à população em local público de equipamento público de saúde, educação, assistência social ou justiça. Entrevistar trabalhadora ou trabalhador sobre as condições para a efetivação do direito à *saúde, assistência social e justiça para crianças, adolescentes, famílias* na subprefeitura do Butantã. As informações sobre os equipamentos públicos serão copiladas em uma **cartografia social e o percurso dos direitos e autonomia (ONU Mulheres)** em saúde (SUS), assistência social (SUAS), educação e justiça no território da subprefeitura do Butantã.

2.1 Exemplo de cartografia social:

CARTOGRAFIA SOCIAL NO TERRITÓRIO DO BUTANTÃ

Fortalecimento de redes solidárias a partir do Ponto de Economia Solidária e Cultura da região

<http://cartografiasocialbutanta.fau.usp.br/2020/08/11/ponto/>

link:

https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1_5eOkZ4ajaVTTpqHGDxhRZSX3WMTLxiZ&usp=sharing

3. A tarefa proposta divide-se em cinco etapas:

(I) (a) consultar tabela de locais indicados por docentes no território, (b) escolher um equipamento, (c) informar a equipe e (d) procurar profissionais deste local), (e) preparar-se para uma observação do atendimento à população e para entrevista com profissional do equipamento.

(* Caso haja sugestão de contatos e equipamentos no território procurar a equipe da disciplina para avaliação e, se possível inclusão na planilha da cartografia)

(II) realizar a observação de local de atendimento à população.

(a) Descrever uma cena de atendimento à população: episódio, personagens, enredo, cenário.

(III) Entrevistar um ou uma profissional sobre o funcionamento do equipamento. (registro para aprimorar a apresentação do equipamento ou serviço na cartografia social)

(IV) redigir *diário de campo* sobre o percurso da observação e da entrevista. Apresentar informações para a cartografia social dos equipamentos SUS, SUAS, da Educação Pública (Ensino Fundamental e Médio), do Sistema de Justiça ou Movimento Social no território.

(V) redigir *trabalho final* sobre a experiência interpretada por conceitos desenvolvidos na disciplina (após correção dos *diários de campo* e supervisão em grupo com docentes ou supervisores)

4. Documentos a serem redigidos:

O *diário de campo* é uma narrativa densa, que inclui também as cenas internas, ou seja, o impacto do vivido e observado durante as etapas da “ida ao campo”: (a) preparação (contato e agendamento da entrevista), (b) realização (apresentação, familiarização e realização da observação (II.1) e entrevista (II.2) e (c) resultados (organização do material coletado e informação para a cartografia social).

O *trabalho final*, a ser entregue no fim do curso, terá o *diário de campo* (devolvido com apontamentos dos professores e estagiárias PAE) como material de análise. Este segundo texto individual deve ser uma reflexão crítica a partir de conceitos desenvolvidos na disciplina, entretidos ao material da observação e entrevista por cada discente.

4.1 Calendário de entregas de textos:

Em resumo, alunas e alunos devem entregar, a partir desta experiência de observação e pesquisa, dois textos diferentes para avaliação:

- Diário de Campo – (9 de novembro de 2022)
- Trabalho Final – (21 de dezembro de 2021)

4.2. Mais observações sobre a construção do diário de campo:

- Trata-se de uma narrativa **densa** da experiência das horas passadas na atividade com ênfase sobre *cenias* (internas, de conversa consigo mesma/o) ou que são expressivas de *episódios marcantes*, que lhe permitirão contar histórias daquele mundo e de pessoas que ali encontrou em um equipamento de algum destas redes de atendimento a população: SUS, SUAS, Educação do Sistema de Justiça ou Movimento Social no território.
- A observação e a entrevista devem seguir critérios éticos de respeito e consentimento dos entrevistados ou entrevistadas.
- O espaço “humanizado” torna-se “lugar” e “território” e, neste sentido, torna-se o cenário para as *cenias*. No território é construído o sentido da vida cotidiana, do viver “a vida como ela é”: é ali que esses sentidos se materializam, nos contornos das paisagens e nos encontros realizados em lugares específicos; nos equipamentos públicos que não existem ou que existem e não são usados, ou que são usados de modo subversivo de seus objetivos primeiros. Tudo isto só é compreendido quando integramos ao olhar a perspectiva de que o espaço é forjado pela ação e sentido dado aos que usam e alteram o espaço, em intersecções entre espaço, tempo e ação.
- O diário de campo deve conter e se estruturar em torno de narrativas detalhadas dos episódios e das *cenias* mais marcantes da experiência.

4.2. 1. A **experiência de campo** e a **redação do diário** serão sempre mais produtivas caso sigam as seguintes diretrizes:

1. Estivermos afetados pela experiência viva, valorizando-a. No limite do possível, dedicarmos-nos a uma experiência de alteridade – buscar se colocar no lugar do outro, tentar compreender densamente sua experiência, suas prioridades, os termos que as expressam na conversa, como significam o estar naquele território, a vida cotidiana e as atividades, como se referem ao “mundo” externo.

2. O **diário de campo** deve ser escrito como se escreve um diário: a narrativa do percurso da experiência, da observação e da entrevista, rica em detalhes e envolvendo a elaboração de episódios marcantes. Como corresponde a um trabalho da memória, quanto mais perto da experiência vivida, mais próxima da realidade vivida e mais densa será essa narrativa.

4.3. **Mais informações sobre o trabalho final:**

O **trabalho final** será elaborado a partir **do diário de campo**, das discussões na **supervisão** e da integração com aspectos teóricos da disciplina. A supervisão será realizada em grupo, e nela cada um de vocês deve trazer questões a partir da experiência de campo e do diário corrigido, com vistas à elaboração do trabalho final. A participação na supervisão será considerada na nota do trabalho final.

Para o trabalho final, é importante também a apresentação do contexto, do **cenário** (o espaço, o ambiente da observação e da pessoa entrevistada) e seus **atores** (os agentes, funções desempenhadas, as pessoas). Este tópico poderá encabeçar o trabalho ou, caso seja mais apropriado, poderá apresentar-se ao longo da narrativa. Contar como foi sua do encontro do/a profissional, a aproximação do cenário, o período de contato, apresentação, familiarização, roteiro de entrevista e respostas. As reflexões posteriores e a redação de memória do contato também são relevantes!

Aqui, uma diferença importante em relação ao diário: a **reflexão crítica**, que se dá pela análise dos elementos do diário e consideração das cenas e episódios que podem indicar a experiência das diferenças e desigualdades sociais, tais como vividas no cotidiano de um bairro ou nas interações no espaço/tempo escolhido. **Conceitos** apresentados durante as aulas devem ser utilizados para a reflexão crítica sobre a desigualdade, a partir do diário de campo.

ANEXO:

A - Roteiro sugerido para entrevistas em instituições do SUS, SUAS, Educação, Sistema de Justiça e Movimento Social

1. Você poderia nos descrever os objetivos desta instituição?

2. Você poderia nos contar sobre as atividades que a instituição desenvolve para alcançar estes objetivos?
3. Você considera que os objetivos da instituição são alcançados? Pode falar algo sobre os limites e as potencialidades do trabalho desenvolvido?
4. Quais são os profissionais que trabalham na instituição?
5. Como se dá a organização do trabalho entre os profissionais?
6. Qual é o público atendido pela instituição?
7. Como são as **relações** entre a instituição e outras instituições públicas da região?
8. Como são as **relações** entre a instituição e os poderes públicos? E com as **pessoas** que vivem na região?
9. Você conhece o histórico da instituição na região? Pode nos contar algo do que considera significativo dessa história?
10. Você pode nos contar uma ou mais **cenas** ou episódios que considerou significativas das atividades que a instituição desenvolve?
11. Quê impactos a pandemia teve sobre os trabalhos realizados pela instituição?
12. Como foi a adaptação à pandemia?
13. Como você vê o impacto da pandemia na população atendida?

B - O que iremos valorizar, esperar, interrogar, problematizar na descrição da experiência no Diário de Campo?

1. O diário, assim como as partes dele escolhidas para o trabalho final, pressupõe um deslocamento, uma descoberta, uma experiência de alteridade, expressos sob a forma de narrativas.
2. Uma narrativa que transpareça uma experiência de alteridade, que transpareça uma *experiência* propriamente. *Alteridade*: traço ou condição do que é outro, não-eu. *Experiência*, no sentido etimológico: *ex* = movimento para fora, para o que me excede; *peri* = percurso; portanto, *experiência* = um caminho deflagrado pelo outro.
3. Superação do evidente, do conhecido e do familiar. Uma vivência de interpelação do outro por mim e alguma vivência de interpelação de mim pelo outro. Alguma transformação, alguma “alteração”. Merleau-Ponty (sobre a experiência etnográfica): *trata-se de aprender a ver o que é nosso como se fôssemos estrangeiros, e como se fosse nosso o que é estrangeiro.*

4. Riqueza de detalhes, narrativas que não sejam magras, superficiais e apressadas.
5. Ser capaz de exprimir e sustentar, a seu modo, a *riqueza* da experiência. Experiência rica não é a experiência “embelezada”, experiência considerada apenas a partir do “positivo” (moral e/ou culturalmente alto); a experiência capaz de viver o “negativo” e não simplesmente sofrê-lo é rica também.
6. Boa redação, boa organização de ideias, boa construção narrativa (construção gradual da experiência, das descobertas), boa discriminação de episódios: episódios que não sejam uma enumeração de fatos frios, mas episódios que sejam *signos* fortes (episódios *reveladores* ou *enigmáticos*: episódios que *dão a pensar*, que intrigam e pedem alguma interpretação).
7. Não se trata de uma enumeração de fatos externos, mas impressões da pessoa, uma experiência pessoal, uma viagem pessoal, ou seja, as cenas internas são relevantes para a descrição.
8. Visitar um ponto-de-vista que é do outro, sem anular-se. Abandonar um ponto-de-vista pessoal, mas assumindo autoria e responsabilidade por um ponto-de-vista alterado (um ponto-de-vista pessoal que buscou comunicar-se com pontos-de-vista dos outros).
9. Buscar compreender como o mundo se abre aos outros, ver o mundo pelos olhos dos outros, buscar colocar-se no lugar deles (uma busca que nunca será perfeita).
10. Compromisso com a “verdade” no sentido de garantir sua honestidade intelectual (exprimir o testemunhado, não o que “convém” dizer, mas aquilo pelo que você responde).
11. Narrativa que carrega pensamento, interrogação, comentário, discussão de uma experiência, e não uma intelectualização e nem racionalização.
12. Não se julgará a experiência, apenas a qualidade de seu relato, diário e interpretação.